

Uma Retratação/Confissão Pública do Ministério Lembra-te

Esta confissão pública do ministério Lembra-te é em resposta a um pedido da Igreja feito através do Pr. Fábio Soares em visitas feitas nos últimos meses.

O que temos pregado, bem como nossa aparente ligação com alguns ministérios, foram-nos apresentados de forma a necessitar de uma retratação pública imediata, sob a pena de sermos vistos como resistentes, rebeldes ou desleais às instruções da Igreja. E sabemos que “o Senhor aborrece a indiferença e deslealdade em tempo de crise em Sua obra. Todo o Universo está observando com inexprimível interesse as cenas finais da grande controvérsia entre o bem e o mal.” E todos nós, queiramos ou não, fazemos parte dessa grande controvérsia.

Eis as palavras do Pr. Fábio Soares em e-mail enviado no dia 29/10/2020:

“A igreja está preocupada com a ligação de vocês a grupos organizados que neste momento são considerados desleais à igreja. Isto implicaria em uma adesão ou participação sua em movimento ou organização separatista ou desleal. Isto é um dos itens do manual que fala sobre "razões para disciplina".



Diante deste item e o teor das mensagens destes grupos, bem como algumas declarações públicas de vocês, hoje temos dúvidas quanto a lealdade de ambos à igreja nos quesitos de aceitar e reconhecer a autoridade da igreja devidamente constituída e se hoje você ainda mantém o mesmo pensamento doutrinário da IASD.

E enquanto não esclarecermos estes pontos, não recomendaremos a sua participação em pregações, palestras e etc, tanto onde vocês são membros ou em qualquer outro lugar.”

Esses foram os pontos levantados sobre os quais deveríamos nos explicar publicamente e sem mais demora. A primeira confissão que fazemos: preferiríamos permanecer em silêncio a falar publicamente. Porém, desde que uma confissão, retratação, ou ainda, uma explicação pública foi apresentada como nosso dever, entendemos que não podemos fugir, mesmo que nos seja desagradável.

1) Ligação a ministérios que a igreja considera como “desleais à igreja”, como o IAGE e o Congresso MV.

Segundo nosso pastor local, em conversa particular, o que configuraria ligação ao IAGE seria por, possivelmente, comprarmos de seus livros. Já a ligação ao Congresso MV seria por termos pregado em um



Congresso no ano de 2019, ou talvez, por aparecermos em alguns outros vídeos que estão no canal do *Congresso MV* no YouTube.

(Mais adiante, procuraremos explicar melhor o contexto de termos aceitado o convite para pregar no Congresso MV de 2019).

Gostaríamos de esclarecer que o *Ministério Lembra-te* não tem ligação administrativa alguma com o Congresso MV, ou com o IAGE. Somos ministérios de apoio distintos, administrados de forma separada, embora estejamos localizados na mesma região.

Nosso ministério de apoio à igreja – Lembra-te – surgiu de um profundo desejo de pregar sobre o poder que o evangelho tem, bem como de um senso de urgência pelo tempo em que estamos vivendo. Sendo assim, por amor às almas, estamos começando uma cruzada de evangelismo por onde quer que a Providência divina nos guie. Como o próprio Jesus não colocou nenhuma barreira ou limite quanto ao “ide”, procuramos também aceitar convites para pregar em igrejas, grupos e em outras denominações que tiverem fome e sede de justiça. Afinal, foi Ele quem disse: Ide a todas as nações, e tribos, e línguas, e povos. Apresentamos mensagens sobre a justificação pela fé, como “O Poder do



Evangelho”, que podem ser encontradas no Canal *Lembra-te* do YouTube.

Quanto à compra de livros do IAGE ser configurado como adesão ou participação em ministério considerado desleal, gostaria de dizer que minha consciência, ou melhor, ninguém em sã consciência diria que os livros do Espírito de Profecia produzidos por tal ministério seja um livro desleal. Isso seria absurdo. Um exemplo: Os livros da nossa igreja, *Materiais de 1888* de Ellen White, traduzidos e publicados apenas pelo IAGE, contendo escritos e cartas da mensageira do Senhor, poderiam ser considerados livros desleais ou dissidentes? Eu gostaria muito de comprar tais livros pela CPB, inclusive, eu os compraria imediatamente. O que não posso, é ficar sem toda a luz que me é possível obter. Luz é luz. Sabemos que nossos estudantes de teologia e até mesmo pastores já em campo, por exemplo, recebem uma lista de livros que devem ser lidos a cada ano. Livros estes de teólogos evangélicos ou protestantes. Se a igreja recomenda ou até mesmo insta firmemente que leiam livros de teólogos evangélicos, deveríamos então considerá-la como apoiadora das filhas de Babilônia? Compare a questão: se eu comprar o livro do IAGE *A Grande Controvérsia*



escrito por nossa profetisa, devo ser considerada apoiadora de ministério desleal e vista com desconfiança; enquanto se eu comprar livros de teólogos evangélicos que são de outras denominações, sou considerada digna de louvor? Essas questões têm sido um desafio para mim. Não podemos ter dois pesos e duas medidas. Se pararem de comprar, ler e recomendar livremente dos púlpitos esses escritores de cisternas rotas, poderemos voltar a falar sobre esse assunto das publicações.

Antes de passar para os próximos pontos levantados, gostaria de contar um pouco da história da nossa família e como nossa jornada começou, com o intuito de contextualizar cada irmão que lê a esta retratação/confissão.

Eu e meu esposo nos voltamos para o Senhor quando morávamos nos EUA, em 2015. Descobrimos tantas coisas maravilhosas e novas para nós. Embora eu já tivesse sido adventista desde o nascimento até os meus 18 anos, nunca, e eu repito para enfatizar bem, nunca havia experimentado tanta proximidade com Jesus como agora experimentava. Estávamos deslumbrados com a vida cristã, com a comunhão com Deus, com as orações respondidas e atendidas tão prontamente pelo



nosso querido Senhor recém-descoberto. Lembro-me de ter aberto a Bíblia pela primeira vez em mais de 10 anos e ter pensado: ‘por onde começo?’ Brilhantemente, o Senhor me colocou para ler Romanos e Isaías. Fiquei maravilhada e derramei muitas lágrimas! Comecei a ler toda a história de Israel, desde Abraão. Ah, meus amigos, cada pouco eu caía de joelhos e chorava! Era tudo para mim!! Tudo aquilo que eu lia, os desvios, murmurações, rebeldias, eu reconhecia que eram meus desvios, minhas murmurações e minhas rebeldias! Estranhamente, eu lia algo que eles (Israel) estavam fazendo de errado e me lançava de joelhos pedindo perdão. Reconheci a culpa corporativa, enxerguei totalmente o paralelo comigo e quebrantou meu coração. Vi a misericórdia do Senhor para comigo e minha família, e desejei ser fiel! Desejei ardentemente não perpetuar aquele padrão de comportamento que eu estava lendo e reconhecendo em meu próprio viver. Lembro-me de orar repetidas vezes durante o dia e durante a noite, implorando para que o Senhor não me permitisse voltar a ser o que eu havia sido anteriormente. Esse era meu maior medo! Também tive muito medo de ser o tipo de adventista que eu tinha sido na minha infância e juventude. Tive medo da mornidão,



tive medo de ser como o povo de Israel por toda a minha vida, seja dentro da igreja ou fora dela.

Um dia, estava assistindo ao testemunho de um pastor adventista lá nos EUA; na palestra, ele recomendava alguns livros. Um deles se chamava *Anunciando o Alto Clamor*. Baixei o livro e comecei a ler. Pela primeira vez em minha vida, tive contato com a mensagem de 1888. Ali estava a única forma de não voltar a ser quem eu havia sido antes. Ali estava a resposta àquilo que eu mais desejava: como ser fiel a Deus. O que eu havia aprendido por nascer em berço adventista foi muito bom, me protegeu de muitos males desse mundo. Mas o que eu aprendi no passado adventista, não estava completo. Lembro de ter raciocinado: ‘por isso eu deixei a igreja, eu não havia entendido o evangelho e o plano da salvação!’

Hoje, ao olhar para trás, vejo que a mensagem de 1888 funcionou como uma luz que espantava as trevas das câmaras do meu coração de forma natural. A única linguagem do nosso coração (eu, meu esposo e nosso filho), era obedecer! Estávamos transbordando de alegria, gratidão e amor a Deus. Tudo que lia da Bíblia e Espírito de Profecia, eu mostrava ao meu filho com 7 anos e ao meu esposo. Em oração e submissão



obedecíamos com alegria! Não havia provação grande demais, tristeza grande demais, problema grande demais, tínhamos a Cristo! Ele era nosso! Veio como um ser humano como nós, viveu e venceu! Essa grande verdade da mensagem de 1888 mudou completamente nossa mente, nossos corações e nossas atitudes. Nos encheu de amor e gratidão a Deus. Reconhecemos que com Ele poderíamos ser vencedores de todo poder do mal. E essa esperança da glória nunca foi tirada de nós até hoje. Eu passava horas todos dias lendo a Palavra de Deus. Ah, queridos, Ele era um Salvador tão próximo e presente! Estávamos sempre conversando com Jesus. Toda e qualquer coisa que precisássemos, pedíamos a Deus. Nunca havia orado tanto como então estava fazendo. Dia e noite. Às vezes, eu era como que acordada por um sopro no meu rosto, e eu já sabia, meu anjo me acordara para orar. O mundo perdeu todo o brilho para nós. Olhávamos para o céu e não mais sonhávamos com coisas, dinheiro, viagens, luxo..., só desejávamos Jesus! Mais de Jesus! Nada mais me atraía, as músicas que ouvia, as roupas que usava, as comidas que achávamos tão deliciosas antes, tudo mudara. Não consegui mais usar joias, nem maquiagem. Parecia-me pecaminoso e não combinava com os anseios do meu



coração. Não conseguíamos mais mentir, nem mesmo aquelas mentirinhas que a gente acha que pode. Não conseguia mais deixar os produtos das lojas fora de seus lugares ao desistir de comprá-los. Eu percebi imediatamente a diferença em minha mente, fiquei espantada com o poder de Deus. As coisas aconteciam naturalmente. Eu era viciada em seriados, assistia todos; e era viciada em jogos de videogame também. Porém, o dia em que o Senhor contendeu comigo a respeito dessas coisas, eu e meu filho jogamos todos os jogos de videogame no lixo, e cancelamos a netflix. Jesus nos era muito mais precioso! Tive medo das distrações. Não poderíamos arriscar que algo estivesse entre nós e nosso querido Salvador. Sabe como nos sentíamos? Tristes por deixar todas essas coisas que amávamos? Não, absolutamente!!! Nem as amávamos mais. Nos sentíamos felizes e libertos. Você conhece esse sentimento? Perfeitamente libertos!!! Jesus vinha se revelando a nós a cada dia. Cada dia um novo aprendizado e uma nova experiência.

Tudo aquilo que estávamos estudando sobre 1888, sobre termos um Sumo Sacerdote que conhece por experiência nossos sentimentos e fraquezas, e pode nos socorrer, Ele mesmo fazia questão de mostrar ser tudo



verdade. Não conseguia explicar o que estava acontecendo em nossas vidas, mas sabia quem era o Autor de nossa fé, e podíamos até dizer: só sei que eu era cego e agora eu vejo! A mensagem de Cristo, justiça nossa, mudou para sempre nossas vidas. Nos trouxe luz, amor, alegria, poder e libertação. E desde que o Senhor nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, Jesus tem sido nosso Amigo mais próximo, nosso Amado Salvador que nunca está longe e ouve cada clamor, sabe exatamente o que estamos passando, passou por cada coisa e pode socorrer os que são tentados! Tem sido uma jornada empolgante e cheia de histórias para testemunhar.

Bem, nossa jornada nos EUA terminou e retornamos para o Brasil. De todos os lugares do mundo, o Senhor nos trouxe justamente para Capitólio em Minas Gerais. Começamos a congregar nas igrejas das cidades mais próximas, mas nosso coração estava almejando uma igreja em nossa própria cidade. Conversamos em casa sobre isso, eu, meu esposo, minha mãe e o Valdomiro. Falamos também com mais alguns irmãos que moravam na região e marcamos uma reunião com o pr. Carlos. Para honra e glória de Deus, no ano de 2016 inaugurou nosso pequeno grupinho na Igreja Adventista do Sétimo



Dia de Capitólio, no centro da cidade. Não tínhamos nada, só o salão, a antiga academia do Paulo, diziam as pessoas. Mas agora era a casa do Deus vivo! Não tínhamos ainda cadeiras, nem púlpito, nem microfones, ou aparelhos de som, absolutamente nada! Mas nossa alegria era tão grande que combinamos de cada família levar suas cadeiras para o primeiro culto. Nós levamos um computador, outro irmão levou uma tela de tv, aparelho de som, extensões; e, com muita alegria e gratidão a Deus, nós O adoramos naquele lugar que Sua providência havia nos agraciado. Começamos a nos mobilizar para conseguir ajuda para a compra de tudo que fosse necessário. Graças ao bondoso Deus, com o tempo e ajuda de familiares e amigos, conseguimos cadeiras, mesa de som, microfones, púlpito, armários, cortina e tapete para o púlpito, cadeirinhas e mesinhas para a salinha das crianças, caixas de som, bebedouro, colocamos algumas divisórias no salão que era todo aberto, enfim, tudo o que precisávamos para que a casa de Deus funcionasse da melhor forma possível. Estávamos felizes por poder contribuir dessa forma para que houvesse um memorial de Deus na cidade de Capitólio.



Começamos a desenvolver as atividades na igreja. Logo nos primeiros meses, tivemos a grata surpresa de saber que nosso pastor local viria fazer uma meia semana de oração. Que privilégio, pensamos. Porém, ali naquelas noites o que ouvi foi uma mensagem diferente daquela que havia transformado a vida da minha família. Reconhecemos imediatamente não se tratar do mesmo evangelho. Lembro-me de ter ido falar com nosso pastor. Eu estava triste e alarmada. Na igreja adventista na qual fomos batizados, os líderes locais falavam exatamente a mesma linguagem daquilo que vínhamos estudando sobre 1888. Não tínhamos ideia alguma de que houvesse qualquer tipo de controvérsia a esse respeito. Eu pensava que era eu quem não havia entendido a mensagem na minha infância e adolescência, mas agora eu estava tentando entender melhor, pois parecia que em geral, não conhecíamos a mensagem, como um povo, sabe? Lembro de ter falado ao pastor: ‘Pastor, o senhor acabou de tirar Jesus do meu lado.’ Anotei algumas citações da Bíblia e do Espírito de Profecia e entreguei a ele, perguntando o que eu devia fazer com aqueles textos. Ele não respondeu na hora, levou as anotações para casa, e na noite seguinte de programação, ele me respondeu no sermão de forma



a parecer geral: ‘Você quer respostas às suas indagações? Não venha a mim, vá a Deus!’ E foi o conselho mais sábio que eu poderia ter ouvido de lábios humanos. Peguei todos os slides usados na semana de oração e fui ler cada artigo de onde a citação havia sido extraída, mas na íntegra. Fiquei me perguntando se ele sabia inglês, pois se ele pudesse ter acesso aos artigos e manuscritos do Espírito de Profecia na íntegra, talvez não tivesse usado os trechos que usou em seus slides. Se fosse lido o parágrafo anterior ou o seguinte, já seria o suficiente para desfazer os argumentos de que havia se valido. Ali naquela ocasião foi a primeira vez que tive contato com um outro tipo de mensagem.

Bem, após esse acontecimento, ficamos muitos meses – eu diria que nos 2 primeiros anos (2017 e 2018) – quase sem receber visitas pastorais (umas duas vezes no ano). E assim, continuamos nosso serviço na igreja do Senhor sem dificuldades ou sem a participação pastoral, por assim dizer.

Mas isso estava para mudar. Desde que havíamos voltado para o Brasil, e agora tínhamos uma igreja para congregar na nossa própria cidade, estávamos orando incessantemente para que Deus trouxesse para a igreja as muitas famílias adventistas que moravam na região,



mas não frequentavam os cultos. Seus motivos eram um tanto desconhecidos a nós nessa época. Mas tínhamos noção de que eram consideradas pessoas extremistas, perfeccionistas, e alguns até diziam que eles eram dissidentes. Tinham ministérios ou eram envolvidas com ministérios. Eles não eram vistos com bons olhos. No começo de nossa vida aqui na região, não queríamos ser confundidos com irmãos que haviam sido marginalizados pela igreja. Quando as pessoas perguntavam se conhecíamos o Daniel Silveira ou o Silverino, já logo respondíamos: ‘não, eles não vão à igreja.’ Quero esclarecer aqui que não falávamos assim por sentir ódio deles. Estávamos agindo por zelo pela igreja de Deus. Nosso problema com eles, era que iam à igreja pouquíssimas vezes. Lembro de falarmos desses irmãos em nossos almoços de sábado, e não eram comentários felizes. Mas não foi muito tempo até que o Senhor nos fizesse sentir mal por agir assim (o Espírito de Profecia chama esse falar dos irmãos de ‘canibalismo’). Começamos a treinar falar somente o que tivesse de bom. Se fosse para fazer algum comentário, seria um comentário cristão. Começamos a orar mais por eles. E algo impensado foi surgindo em nós: além do zelo pela igreja que sempre houve em



nosso coração até hoje, agora surgira especial interesse na salvação deles e profunda compaixão e amor. Como desejávamos que frequentassem e pudessem ajudar no serviço na igreja, bem como colaborar com ideias para algum tipo de evangelismo na cidade! Choramos em muitos cultos. Chorei em muitas orações. Mas como a oração tem poder e move o braço do Onipotente, tivemos a alegria de saber que os irmãos pelos quais estávamos em oração, haviam se reunido e estavam considerando congregar conosco todos os sábados. Estavam jejuando e buscando saber do Senhor se deveriam. De alguma forma, Deus respondeu que sim! Eles decidiram ir aos cultos na igreja conosco. Nossa felicidade foi grande demais para expressar aqui em palavras. Confesso aquele sábado ter sido um dos dias mais felizes da nossa história na igreja de Capitólio, dia em que entraram na igreja com esse propósito firmado de congregar conosco. Agora Deus teria uma ‘multidão’ de dons e talentos à Sua disposição. No primeiro sábado que haviam ido à igreja, marcamos um pôr-do-sol em casa com todos os irmãos. Alguns tomaram a palavra e pediram perdão por terem nos deixado sozinhos por tanto tempo e não terem descido somar esforços conosco de forma mais constante. E para que fique claro



que não era somente a nossa família que aprovava essa “re-união”, ao fazermos o segundo pôr-do-sol todos juntos agora na casa da minha mãe, estávamos cantando e louvando a Deus, quando alguém apontou para o céu e disse: ‘olha lá o arco-íris!’ Amigos, não era um simples arco-íris, eram pelo menos 5 deles estampados bem ali no nosso céu!!! Não, não havia chovido, e sim, o céu aprovara a união!

Não consigo descrever o que eu pessoalmente estava sentindo e vivendo. Uma expressão: Profunda felicidade. Agradecia a Deus constantemente por esse milagre de haver unido os corações dos irmãos de Capitólio. Mas nem todos estavam tão contentes assim. Queriam estar, mas era embaraçosamente visível que estavam sem jeito. A resistência a algumas verdades e o preconceito nutrido no coração, fez com que alguns ficassem um tanto desconfiados, e não conseguiram ver com bons olhos essa aproximação. Lembro de ter ouvido: ‘era tão melhor só nós, né?’ Eu não podia concordar, mas achei que logo todos nos acostumaríamos com a benção e respondi: ‘logo a gente se acostuma.’ Assim, tentamos envolver a quem pudéssemos nas programações da igreja. A querida e doce Betsy, foi professora da escolinha das crianças por



meses – quase 1 ano – por exemplo. Pedimos ao diretor da igreja que tentasse colocar alguns dos irmãos para pregar, porém, sabíamos que ele não tinha autorização para fazê-lo e nem achava que devia. Continuamos com as nossas funções na igreja, fazendo parte da escala de pregação com muita frequência, pois poucos estavam autorizados a pregar. Foi um período muito feliz para nós e os irmãos que haviam decidido congregar conosco. Crescíamos juntos. A igreja estava viva! Animada! Cheia!

O diretor do nosso grupo, resistente a algumas verdades que estavam sendo pregadas por nossa família e ao ver que eram mensagens bem recebidas pelos demais irmãos, viu essa concordância com receio e talvez temor, e comunicou ao pastor local (agora o pr. Vilmar), sobre os irmãos considerados desleais estarem congregando conosco. E em 1 mês, recebemos muitos pastores para pregar em nosso grupinho, tanto ministeriais, como, por exemplo, o presidente da AMS, como nosso pastor local e um pastor auxiliar, até mesmo nos domingos e quartas. Essa repentina atenção dada a uma minúscula igreja, foi no mínimo surpreendente. Eu, minha mãe e o Valdomiro, começamos a não ser mais chamados para pregar (eu que era diretora da



escola sabatina, minha mãe que era a secretária da igreja, e o Valdomiro que era ex-diretor do grupo e professor da escola sabatina). Pessoas de longe tinham que vir pregar, pela dificuldade de encontrar irmãos ‘autorizados’ a subir ao púlpito. Nunca sabíamos quem seria o pregador. Não havia mais escala de pregação. Cada sábado um elemento surpresa. Algumas poucas vezes – talvez duas – em que fomos chamados para pregar nesse período, foi por não haver mais ninguém disponível, aí então o convite vinha na véspera do sábado: ‘você poderia pregar amanhã?’ Por mensagens, pedimos algumas vezes ao diretor que montasse e informasse a escala de pregação com antecedência, porém, não nos respondia. Quando perguntamos a ele pessoalmente, nos informou que o pastor estava precisando informar sua agenda para que ele pudesse fazer uma escala, mas a escala nunca mais veio. Silêncio absoluto! Muitas vezes, nós como os únicos líderes presentes, tínhamos que montar a plataforma para o culto divino sem saber quem era o pregador. Saíamos perguntando discretamente de irmão em irmão: ‘é você que prega hoje?’

Isso nos entristeceu sobremaneira. Não havia mais diálogo entre a liderança, formada por famílias até



então, tão amigas apesar das diferenças que sabíamos haver. Decisões eram tomadas sem que houvesse o processo normal de reunir-se para deliberar. Lembrome de haver me indignado grandemente em uma ocasião em que o diretor cancelou uma programação já marcada para o sábado à tarde, para a qual as famílias haviam se preparado para participar. Entrei na salinha em que a plataforma estava sendo montada e disse: ‘O que está acontecendo? Por que cancelou assim sem falar com a igreja? Isso que você fez não está certo! As famílias já trouxeram até alimento para ficar para a programação!’ Disso me arrependi profundamente, não era o lugar nem o momento. Pedi desculpas pessoalmente sobre meu comportamento e pedi que conversássemos mais sobre as decisões.

Sabe, queridos irmãos, a indiferença, o silêncio, o desprezo, a falta de consideração, são uma provação muito grande para suportar. Fomos descartados, por assim dizer, sem uma tentativa sequer de conversar e explicar por que estavam tomando as decisões que estavam tomando. Convidamos a querida família do diretor para vir em casa para conversar sobre a situação, porém, ele pediu um tempo. E o silêncio nos distanciou cada vez mais. Decidimos apelar para o pastor. Pedimos



uma reunião. Pedimos que ele nos explicasse o que estava acontecendo. Por que estávamos sendo ignorados dessa forma? Explicamos que estava atrapalhando o bom andamento nos cultos, e a união da liderança. Ele concordou em nos atender. Quando expusemos nossa situação, o que vinha acontecendo, todo aquele silêncio, a ausência da escala de pregação, a tomada de decisões nas mãos de uma pessoa, o pastor, para nossa surpresa disse: ‘Nós sabemos de tudo isso. Nada do que está sendo feito aqui, está sendo feito por iniciativa do diretor, nós dissemos para ele ficar em silêncio. E vocês foram retirados da escala de pregação porque usam muito o Espírito de Profecia em seus sermões.’ Queridos, foi como uma punhalada! Um pastor, com o conhecimento de nossa Associação, instruiu que o diretor nos ignorasse, não falasse conosco além do que fosse essencial, e tomasse as decisões sem que participássemos delas. Gostaria de esclarecer que nunca fizemos questão de subir aos púlpitos e ter cargos na igreja. Não há problema algum em nos assentar nos bancos e assistir às programações. Mas a forma com que tudo foi feito, o prejuízo para a ordem da igreja, perder a amizade e proximidade da família do diretor, foi algo difícil de suportar. Por termos recebido os irmãos de



braços abertos, termos nos identificado com eles de forma a desenvolver uma amizade com todos, fomos considerados perigosos e indignos de ser tratados com respeito e amor. Minha mãe, com voz triste e firme, disse ao pastor: ‘O senhor errou!’

A situação que estávamos vivendo como líderes de um minúsculo grupo, que de repente crescera consideravelmente, já era desafiador por si só, o silêncio não era a saída. O conselho deveria ter sido o oposto. Um pastor sábio teria aconselhado o diretor da seguinte forma: ‘Irmão, conversem, se aproximem mais, não permitam que nada os divida. Vocês são irmãos, devem unir-se. Orem juntos. Estudem juntos. Permaneçam sempre do lado do assim diz o Senhor.’ Pastores vieram e se foram. Mas nós, os membros, continuamos aqui. E ainda hoje sofremos os resultados daquele conselho pastoral que foi contra o Está Escrito. Hoje vejo que as visitas pastorais constantes, acabaram causando uma desunião na liderança local, e entre alguns irmãos, e isso nos enfraqueceu. Irmão foi colocado contra irmão. Nossa família (minha mãe, Valdomiro, eu e meu esposo) foi rotulada como não confiável.

Orei algumas vezes ao Senhor em lágrimas: ‘Senhor, não quero ser vista como perfeccionista, dissidente ou



contra a igreja. O Senhor sabe que não é verdade. Não gosto disso. O Senhor é meu Mestre, tem sido desde que me encontrou e me salvou. Socorra-nos!!!’

E foi mais ou menos nesse momento que tivemos que decidir se participaríamos do Congresso MV ou não. Havíamos sido convidados para fazer uma palestra. O Valdomiro, sempre mais decidido, aceitou prontamente. Eu tive lutas intensas. Sabia muito bem o que isso significava (ou não tão bem assim). Nos meus devocionais, estava relendo o Desejado de Todas as Nações, e através do livro encontrei respostas e duras repreensões. Li trechos como os seguintes:

a) Sobre os samaritanos:

“Judeus e samaritanos eram obstinados inimigos, evitando tanto quanto possível todo trato uns com os outros. ... qualquer contato social com eles, porém, era condenado. ... Pedir um favor de um samaritano, ou buscar *por qualquer maneira beneficiá-lo*, não entrava nas cogitações nem mesmo dos discípulos de Cristo” P. 183

Mas Jesus, “Conquanto judeu, misturava-Se sem restrições com os samaritanos, anulando os costumes farisaicos de Sua nação. Apesar de seus preconceitos,



aceitou a hospitalidade desse povo desprezado. Dormiu sob seu teto, comeu com eles à mesa — partilhando do alimento preparado e servido por suas mãos — *ensinou em suas ruas*, e tratou-os com a máxima bondade e cortesia.” P. 193

b) Sobre os publicanos:

“Desprezado como apóstata, classificavam-no (Levi Mateus) entre os mais vis da sociedade.” P. 272

Quando li o trecho seguinte, quase morri de vergonha, pois eu estava para agir de forma diferente da de Jesus, meu Senhor. Jesus havia sido convidado para se encontrar com os publicanos, os mesmos que a igreja desprezava como apóstatas (a mim foi como um raio fulminante, pois não era apenas uma situação semelhante, a história estava se repetindo de forma exata diante dos meus olhos!!!):

“Bem sabia que isso daria motivo de escândalo ao partido dos fariseus, comprometendo-O também aos olhos do povo. Nenhuma questão de política, entretanto, podia influenciar-Lhe os movimentos. Para Ele, as distinções exteriores não tinham valor. O que Lhe falava ao coração era a sede pela água da vida. Jesus Se sentou como hóspede honrado à mesa dos publicanos,



mostrando, por Sua simpatia e amabilidade social, reconhecer a dignidade humana.” P. 274

Sob a luz de tudo que eu estava lendo, raciocinei: ‘Quer dizer que eles vem até nós, pedem perdão, congregam conosco, a Betsy pode ser a professora da escolinha das crianças, mas eu não quero considerar estar no meio deles, ir a um Congresso “ensinar em suas ruas” a Palavra de Deus? Que hipocrisia a minha!’ A decisão de pregar no MV foi tomada alicerçada na Palavra de Deus. Quem sou eu para agir de forma diferente da do próprio Jesus? Como poderia me retratar por agir como Cristo? Ele não disse: “Ide a todos os lugares, menos aos nossos inimigos, os Samaritanos. Preguem a todos, menos aos considerados apóstatas publicanos.” Assim, desejei que os irmãos tão desprezados soubessem que eu não os desprezava. Queria que soubessem que não havia preconceito em meu coração. Jesus não faz acepção de pessoas, por que eu deveria fazer? Eu quero ser leal ao pr. Fábio e à MMO! Deus sabe que sim. Mas em primeiro lugar, quero ser leal a Jesus, e seguir-Lhe os passos. Desejo dizer amém a toda palavra que sai da boca do pr. Fábio, ou da administração da igreja, porém, só poderei fazê-lo se estiver de acordo com o Está Escrito.



Sei que estamos sendo de certa forma pressionados a nutrir algum tipo de indiferença às pessoas que já foram ao Congresso MV ou compram livros do IAGE. A recomendação é a de que devemos tirá-los das escalas de pregação e nos certificar de que não tenham voz em nenhuma de nossas igrejas. A recomendação é a seguinte: a fim de mostrarmos lealdade à igreja, não devemos nos envolver com eles, nem com aqueles que tiveram algum contato com eles em algum momento. Estamos sendo pressionados a agir da mesma forma que o texto a seguir:

“Julgavam que, para serem leais à sua nação, era preciso que nutrissem inimizade contra os samaritanos. Admiravam-se da conduta de Jesus. Não se podiam recusar a seguir-Lhe o exemplo, e durante os dois dias passados em Samaria, a fidelidade para com Ele lhes manteve em sujeição os preconceitos; todavia, no coração, continuavam irreconciliados. Foram tardios em aprender que seu desprezo e ódio devia dar lugar à piedade e à simpatia.” P. 193

Jesus apresentou um aspecto da religião que a maioria não consegue suportar. Ao verem um de nós dando atenção àqueles desprezados, rotulados e descartados,



isso lhes incita a inimizade em seus corações orgulhosos. Irmãos, importa renascer!

Parece que estamos dispostos a ir até prostitutas, roqueiros, macumbeiros, ladrões, seja lá o que for, mas não estamos dispostos ir até pessoas do IAGE ou do MV? Por acaso a graça de Deus não está estendida a eles? São leprosos? O contato com eles me fez leprosa também? Meu pastor local vem nos pressionando para fazer um vídeo público desvinculando minha imagem à do MV. Aparentemente, ter pregado lá fez com que eu pegasse algum tipo de lepra. Note, por favor, que o Ministério Lembra-te não tem ligação administrativa alguma com o Congresso MV nem com IAGE! Somos ministérios de apoio distintos. Porém, entendemos que onde homens fecham as portas, Deus abre outras para que a mensagem seja pregada, e sabemos que nem sempre serão portas denominacionais, oficiais, por assim dizer. Mas nem por isso deveríamos ser considerados leprosos. Veja o texto bíblico: “Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais. E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se



estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo), para ganhar os que estão sem lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele.” 1 Coríntios 9:19-23

Citar o exemplo de Paulo nos discursos e pregações é lindo, mas, cuidado, você pode ser considerado desleal se colocá-lo em prática.

Por que muitos de nossos pastores, evangelistas e músicos pregam ou cantam em diversas igrejas protestantes ou evangélicas, e aceitam como sendo um alto privilégio, publicam livremente e nem por isso são vistos como filhos de babilônia? Ora, poderiam responder alguns, não fazemos acepção de pessoa alguma, e todos sabemos que eles estão querendo se aproximar das pessoas para pregar a verdade. Então me parece que somos bem preconceituosos e fazemos sim acepção de pessoas. Embora tenhamos profundo respeito e consideração por nossos líderes, jamais podemos aceitar dois pesos e duas medidas.

E isso nos leva ao segundo ponto levantado:



2) “Hoje temos dúvidas quanto a lealdade de ambos à igreja nos quesitos de aceitar e reconhecer a autoridade da igreja devidamente constituída.”

Em conversa particular, explicamos ao pastor, e o fazemos agora de forma pública, que não somos contra a autoridade da igreja devidamente constituída. Disse, ainda, que somos contra o autoritarismo, contra a prática de pressionar, forçar, ameaçar, coagir consciências etc.

O que é, porém, a autoridade da igreja devidamente constituída? Tudo o que meu pastor local disser, é a autoridade da igreja devidamente constituída? Tudo o que o presidente da missão ou a associação local disser é a autoridade da igreja devidamente constituída? Qualquer coisa que um pastor diga, ou qualquer decisão da associação local não pode ser questionada ou discordada, sob pena de ser visto como passível de disciplina? Precisamos definir o que é a autoridade da igreja devidamente constituída antes de lançar uma reputação de deslealdade sobre um irmão; e antes de enquadrá-lo no item 11 do tópico sob o título *Razões para Disciplina* do manual da igreja.

Veja a citação do Espírito de Profecia: “Foi-me mostrado que o julgamento de nenhum homem devia



render-se ao julgamento de outro. Mas quando o julgamento da Associação Geral, que é a mais elevada autoridade que Deus tem sobre a Terra, é exercido, independência e julgamento particulares não devem ser mantidos, mas renunciados.” T3 492

Não somos contra a autoridade da igreja quando se firma na Palavra de Deus, somos contra aquele “princípio mesmo da grande apostasia [que] consistiu em procurar fazer da autoridade da igreja um suplemento da autoridade de Deus.” GC 289.2

Sempre entendi que a autoridade de alguém ou da igreja sempre deve estar firmada sobre a autoridade de Deus. Ou seja, se alguém me disser: “Guarda o sábado!” Aí está a verdadeira autoridade, pois é a própria vontade de Deus. Se meu pastor ou minha Associação disserem: “Não fique estudando muito o Espírito de Profecia, pois somente os teólogos o podem interpretar corretamente”, imediatamente sei que aí não há autoridade alguma, mesmo que tenha vindo de uma autoridade da igreja, entende? A autoridade devidamente constituída é aquela que está firmemente alicerçada e identificada com a vontade de Deus. Permanecer decididamente com o assim diz o Senhor quando este difere da recomendação pastoral, não pode ser classificado como



oposição obstinada à autoridade da igreja devidamente constituída.

O pastor Fábio explicou que em um dos vídeos do canal Lembra-te, falamos contra o manual da igreja, e aí estava a evidência de que não reconhecemos a autoridade da igreja. Explicamos a ele e agora o fazemos de forma pública que não somos contra o manual em si, antes somente expressamos de forma clara aquilo que os adventistas creem: nossa única regra de fé e prática é a Bíblia. Sim, temos o Espírito de Profecia, mas ele é totalmente inspirado e está totalmente alicerçado na Palavra de Deus. E no vídeo apresentamos os fatos históricos sobre o que nossos pioneiros pensavam sobre a ideia de termos um manual. Veja a resolução da Associação Geral sobre o assunto, publicada na Review and Herald de 20 de novembro de 1883:

“É de entendimento unânime do comitê, que não seria aconselhável ter um Manual da Igreja. Consideramos desnecessário pois já superamos as maiores dificuldades relacionadas à organização da igreja sem um Manual; e perfeita harmonia existe entre nós neste aspecto. Para muitos, parece um passo em direção à formação de um credo, ou disciplina, além da Bíblia,



algo ao qual sempre temos sido contra como denominação. Se tivéssemos um manual, tememos que muitos, especialmente aqueles que estão começando a pregar, iriam estudá-lo para obter orientação em assuntos religiosos, ao invés de buscar na Bíblia, e através da guia do Espírito de Deus, e isso tenderia a impedi-los na experiência religiosa genuína e no conhecimento da mente do Espírito. Foi em tomar similares passos que outros grupos de cristãos começaram a perder sua simplicidade e se tornaram formais e espiritualmente sem vida. Por que deveríamos imitá-los? O comitê sente, enfim, que nossa tendência deve ser na direção da simplicidade e estreita conformidade com a Bíblia, em vez de definir detalhadamente todos os pontos da administração e ordenanças da igreja.”

Eles enxergaram que seria perigoso e tiveram medo da morte espiritual como acontecera com os outros grupos cristãos.

Nosso pastor local, bondosamente nos explicou que o manual não é nossa regra de fé e prática, é somente um auxílio, algo para ajudar em certas situações. Respondemos que seria muito bom se fosse considerado assim, porém, o manual tem sido usado como a regra de



prática por muitos. Na verdade, por ser impresso sob a direção da Associação Geral, imediatamente acaba sendo visto como um tipo de regra de prática. O Manual contém textos inspirados, é verdade, mas não todos os textos inspirados sobre os assuntos abordados; e nem todos os pontos do manual encontram alicerce em textos inspirados. Por essa razão ele não pode ser considerado a palavra final em assunto algum. E a perspectiva poderia até mesmo ser completamente diferente se fossem levados em conta todos os textos inspirados sobre o assunto.

Em 27 de novembro de 1883, o presidente da Associação Geral escreveu contra o manual:

“Quando irmãos que estavam a favor de um manual e chegaram até a argumentar que tal obra não seria nada como um credo ou uma disciplina, ou que não teria qualquer autoridade para resolver pontos de disputas, mas só seria considerado como um livro contendo dicas para auxiliar aqueles com pouca experiência, ainda assim, precisa ficar evidente que tal livro emitido com as bênçãos da Associação Geral, estaria imediatamente carregado de muito peso de autoridade e seria consultado pela maioria de nossos jovens ministros, que iria gradualmente moldar e formatar todo o corpo, e



aqueles que não seguissem o manual, seriam considerados como fora de harmonia com os princípios estabelecidos da ordem da igreja. E francamente, não é esse o objetivo de um manual? Que utilidade teria um, se não conseguir tal resultado? Mas isso seria benefício? Nossos ministros se tornariam mais profundos, mais originais, mais maduros? Eles se tornariam mais confiáveis em grandes emergências? Sua experiência espiritual seria mais profunda e seu julgamento mais confiável? Nós pensamos a tendência ser totalmente oposta. ...Temos mantido a simplicidade e prosperamos por assim fazer. É melhor que esse assunto fique esquecido. Por essas e outras razões, o manual da igreja foi rejeitado. É provável que esse assunto jamais seja trazido à tona novamente.” *Review and Herald*, 27 de novembro de 1883

Se o manual não é nossa regra de fé e prática, e é somente um documento com algumas dicas, qual o problema de dizer que ele é dispensável tendo em vista termos a Bíblia e o Espírito de Profecia? Não podemos ser condenados por apresentar um fato de nossa própria história, nem devemos ser considerados como pessoas que não reconhecem a autoridade da igreja devidamente



constituída simplesmente por concordar com o que nossos pioneiros pensavam sobre o manual.

3) Dúvidas se ainda mantemos o pensamento doutrinário da IASD.

A igreja adventista hoje, possui 28 doutrinas:

As Escrituras Sagradas, A Trindade, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Deus é o Criador, A Natureza do Homem, O Grande Conflito, Vida Morte e Ressureição de Cristo, A Experiência da Salvação, Crescimento em Cristo, A Igreja, O Remanescente e sua Missão, Unidade no Corpo de Cristo, O Batismo, A Ceia do Senhor, Dons e Ministérios Espirituais, O Dom de Profecia, A Lei de Deus, O Sábado, Mordomia, Conduta Cristã, Matrimônio e Família, O Ministério de Cristo no Santuário Celestial, A Segunda Vinda de Cristo, Morte e Ressurreição, O Milênio e o Fim do Pecado, A Nova Terra.

Confessamos publicamente que os votos batismais que fizemos, confirmando nossa crença nas 28 doutrinas, não mudaram em nada até hoje.



Sabem, queridos, uma coisa nos chamou bastante atenção em todas as visitas pastorais que recebemos. Tanto nosso pastor, como os líderes locais, fizeram questão de enfatizar que não havia nada que pudessem falar contra nós, nosso estilo de vida, a forma como vivemos, como educamos nossos filhos, como nos portamos e nos relacionamos com os outros. Disseram ainda que somos dignos de imitação e louvor, porém, aquilo que cremos é desagradável, tem causado desconforto e tem perturbado a unidade da igreja.

Que angústia ouvir isso! É como tropeçar em uma evidência e não perceber. Será que não nos ocorre que o que somos, a forma como vivemos, como educamos nossos filhos, como nos relacionamos com a sociedade e as pessoas ao redor, é fruto daquilo que cremos? Será que o que nossa família crê é tão ruim assim se nos fez ser dignos de louvor e imitação? De acordo com o testemunho da boca do nosso pastor e de nossos líderes, somos uma família digna de louvor, um exemplo a ser seguido. Não são palavras nossas. Não estamos nos engrandecendo. Temos plena e profunda consciência da nossa pequenez e insignificância, porém, Cristo nos achou. Seu poder é real, não é apenas forense! Tudo que veem como digno de imitação, não vem de nós, mas de



Jesus. Por crermos na mensagem de 1888 (Cristo em nós), é que estamos sendo moldados e transformados a cada dia pelo poder do evangelho.

Como almejamos que todos vejam o que nós temos visto! Que possam experimentar o poder de Jesus em suas vidas de forma completa. Sabe, percebo que aqueles que resistem a essa mensagem, não conseguem refrear o temperamento, e não podem amar de verdade. Se estamos em erro, nos mostrem nosso pecado, porém, se somos dignos de louvor e imitação, por que nos perseguem?

Queridos líderes da Missão Mineira Oeste, não vejo que estejam agindo movidos por amor a mim ou à minha família. Não conheço o coração de ninguém, é verdade. Mas desde o começo, percebemos a direção das perguntas e insistência nos questionamentos para que consigam nos enquadrar nos itens 10 ou 11 das *Razões para Disciplina*.

10: “Adesão ou participação em movimento organizado separatista ou desleal.”

11: “Persistente recusa em reconhecer a autoridade da igreja devidamente constituída ou em se submeter à ordem e disciplina da igreja.”



Com esses dois itens fica fácil disciplinar qualquer um. Primeiro, classifica-se pessoas que a gente não suporta ou não concorda, de extremistas, exagerados, perfeccionistas, perigosos ou dissidentes; e se essas pessoas passarem a falar ou questionar alguma coisa na igreja, as classificamos de resistentes a autoridade da igreja devidamente constituída. Tira-se todos os cargos e a voz, não concedendo mais autorização para pregar, pois não são consideradas dignas de confiança. Torna-se um membro meramente figurante, não podendo fazer mais nada na igreja, nem fora dela (planos evangelísticos), a ponto de ser dito que almas fruto do trabalho dessas pessoas não serão batizadas. Tudo o que essas pessoas fazem é visto com desconfiança. Isso se chama disciplina branca. É totalmente injusto e, portanto, ilegal aos olhos de Deus. Assim, se marginaliza essas pessoas, julgando-as incapazes de servir a Deus fielmente, são consideradas indignas de confiança, e depois, são condenadas como passíveis de exclusão. Agora, temos um grupo que nós mesmos marginalizamos e excluimos, para poder chamar de separatista e desleal. Insano, desonesto, cruel!! O Senhor está anotando tudo. O Senhor tem colhido em Seu odre as lágrimas desses muitos irmãos. Percebemos



uma ansiedade de rotular e descartar algumas almas sem muito constrangimento.

Vamos considerar uma situação hipotética: O irmão Pedro é batizado na igreja adventista. Está feliz e radiante. O primeiro amor é lindo demais. Ele não quer parar de ler e estudar a Palavra de Deus. O entusiasmo e o amor dele motivam a igreja. O irmão Pedro é uma benção!! Vamos colocar o Pedro como diretor de algum departamento, e na escala de pregação, ele é tão fervoroso. Até o dia em que ele descobre que os princípios de alimentação, de modéstia cristã, de música cristã verdadeira, entre outros assuntos, está diferente daquilo que ele vê na igreja de Deus. Ele então decide alertar sobre essas coisas a partir do púlpito. Pedem para ele ser cuidadoso, não precisa falar assim, pois a igreja não é Babilônia, é a menina dos olhos de Deus. Ele fica angustiado, pois sabe disso. Ele passa a ser mais cuidadoso, mas continua pedindo que voltem às boas práticas e à verdadeira fé. Alguns dizem que as pregações são uma benção. Mas a maioria, nem tanto, os jovens podem não suportar mensagens assim. Dizem a ele que é preciso recuar e reconhecer a autoridade da igreja devidamente constituída, deve se submeter à ordem e disciplina. Pedro fica confuso, pois a Bíblia



insta a chamar o pecado pelo nome, claro, com amor. Não é uma acusação, é um pedido de arrependimento do próprio Jesus Cristo. Ele prega sobre a vida cristã e a necessidade de pelo poder de Deus, vencer o pecado. Agora o irmão Pedro foi longe demais, e o retiram da escala de pregação, por um tempo, para que ele aprenda a lição. Depois de alguns meses, o colocam de novo na escala para que ele entenda que o poder está nas mãos de seus líderes, que ele precisa aprender a obedecer. Se for um bom rapaz, terá voz, se não, nada feito. (Alguns Pedros nunca mais voltam a pregar como antes. Murcham e desistem.) Mas, o Pedro da nossa história ama tanto os irmãos e a igreja do Senhor, que não consegue sucumbir ao medo, e sobe ao púlpito com temor e tremor, sim, mas de Deus. Ele prega sobre a necessidade de arrependimento sem demora, bem como sobre a realidade da purificação do Santuário significar purificação da nossa vida agora mesmo, pois perfeição de caráter é requerido de todos nós! Tiram o Pedro dos cargos e da escala de pregação definitivamente, o Pedro é rebelde e resistente, dizem. Claro que amamos o Pedro, mas o que ele crê é herético e insuportável! Dizem a ele que siga crendo como desejar, porém, não poderá mais ter voz. Pedro se sente sozinho e triste. A



verdade fez tanto bem a ele e à sua família que ele desejou ardentemente que os irmãos queridos também tivessem a chance de ouvir. (Alguns Pedros nesse momento se esquecem do Modelo Jesus, se revoltam terrivelmente, uns saem, outros ficam, mas amargurados e cheios de ódio. O perigo parece estar nos extremos. O primeiro tipo de perigo é permitir que a autoridade da igreja nos faça calar em tal questão do dever. O segundo tipo de perigo é o de dar lugar a um espírito de vingança contra a igreja pelas injustiças a nós cometidas, e travar uma guerra contra ela – ver *O Grande Movimento Adventista*, p. 142). Mas, o Pedro de nossa história não sente ódio nem fica revoltado. Fica triste e sente compaixão. Ficar sem voz é difícil para Pedro, pois ele sabe que o tempo é curto e a verdade é importante demais. Decide pregar pelo YouTube a quem tiver ouvidos para ouvir. Começa a aceitar convites para pregar sem fazer acepção de pessoas ou de grupos, conforme o exemplo de Jesus que se misturou com pecadores, samaritanos e publicanos. Porém, tudo o que faz a partir de agora é visto como resistência ou rebeldia; e, agora, é visto também como parte de movimentos separatistas e desleais. Parece estar sem saída. Pensar em se calar ou desistir das



verdades que crê, queima seus ossos. Pregar é doce ao paladar, mas mostra-se amargo depois, com tanta oposição. Então, Pedro começa a entender aquilo que seu Mestre uma vez disse: Deixo-vos a minha paz, a minha paz vos dou. Mas ela não é como você está pensando que ela seja. É a paz de ter encontrado a mensagem mais preciosa da justiça de Cristo. A paz de ser transformado e liberto verdadeiramente. A paz de estar fazendo aquilo que é certo. A paz da reconciliação com o céu. A paz da presença de Jesus! A paz na oposição! Ah, meus amigos e irmãos, essa paz, ninguém poderá tirar do Pedro! Ninguém pode tirá-la de mim e de você. Note que “o grande segredo da verdadeira união e eficiência no ministério e na igreja de Deus encontra-se longe de dois extremos: a autoridade da igreja e a independência não santificadas.”

“A organização foi planejada a fim de garantir unidade de ação, servindo como proteção contra a fraude. Jamais foi intencionada como castigo para forçar obediência, mas para a proteção do povo de Deus. Cristo não empurra Seu povo, Ele os chama. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”. Nosso Líder abre o caminho, e chama Seu povo a segui-Lo. Credos humanos não podem produzir união. A



autoridade da igreja é incapaz de comprimi-la em um só corpo. Cristo jamais designou que mentes humanas fossem moldadas para o Céu pela influência de outras mentes humanas.” Tiago White, Review and Herald, 4 de janeiro de 1881.

“Em cada igreja em nossa terra, são necessárias confissões, arrependimento e reconversão. A decepção de Cristo está além de qualquer descrição. [...] Cristo é humilhado em Seu povo. [...] Meus irmãos e irmãs, humilhem seus corações diante do Senhor. [...] Não posso deixar de ver que a luz que Deus me deu não é favorável a nossos pastores ou nossas igrejas. [...] A mensagem para a igreja de Laodiceia revela nossa condição como um povo.” – EGW, Review and Herald, 15 de dezembro de 1904.

A sra. White nunca se esqueceu do significado profundo da "mensagem da justiça de Cristo". Ainda em 1906 ela ansiava por testemunhar seu triunfo:

“Prezados irmãos Washburn, Prescott, Daniells e Concord: [...] Cristo veio à semelhança do homem, e desenvolveu perante o mundo um caráter perfeito, para que o mundo não tivesse desculpas [...] Tivessem nossas igrejas atendido às palavras do mensageiro do Senhor,



dado a elas por pena e por voz, se tivessem assumido sua posição como verdadeiros crentes, nós teríamos visto o mais maravilhoso ajuntamento, que teria convencido o mundo de que temos a verdade. A lei de Deus teria sido magnificada. [...] Mas obstáculos bem no meio de nós têm funcionado contra o propósito de Deus. Meu coração está quase partido em pensar no que o Senhor me revelou em relação ao que poderia ter acontecido, mas não aconteceu.” - Carta W-58, 1906, Sanatório, Califórnia.

Queremos deixar claro que nunca duvidamos do cuidado especial do Senhor e de Sua bênção sobre Sua verdadeira Igreja, que acreditamos ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele tem nos acompanhado em nossa peregrinação por esse nosso deserto. Nunca cremos ou dissemos que Ele rejeitou Sua Igreja! Entendemos que a mensagem ao “anjo da igreja de Laodiceia” não diz que Cristo já vomitou Seu povo de Sua “boca”, mas apenas que Ele está “prestes a” fazê-lo por causa da terrível náusea que Ele sente por nossa “mornidão”. O ponto principal das mensagens do Canal Lembra-te é que não é justo para com Ele perpetuar a condição que levou a serva do Senhor a escrever: "Cristo é humilhado em Seu povo."



O ministério Lembra-te defende firmemente sua posição com a seguinte declaração feita na Sessão de 1893 por A. T. Jones:

“Nos comprometemos com o Senhor e perante o mundo: que dependemos de Deus; que Ele ama Seu povo; que Ele se manifesta em favor daqueles cujos corações estão voltados para Ele. Irmãos, há também aquela terrível mensagem que nos veio da Austrália [por Ellen G. White]. Está no depoimento intitulado “A crise iminente”. O que o depoimento diz? - “Algo grande e decisivo está para acontecer, e muito logo. Se houver demora, o caráter de Deus e Seu trono ficarão comprometidos.” Irmãos, por nossa atitude descuidada e indiferente, estamos colocando o trono de Deus em perigo. Por que Ele não pode operar? Deus está pronto. Os obreiros de Deus não estão prontos? Se houver qualquer demora, "o caráter de Deus e Seu trono ficam comprometidos". É possível que estejamos prestes a arriscar a honra do trono de Deus? Irmãos, pelo amor do Senhor e do Seu trono, vamos sair do caminho. – Boletim da Conferência Geral, 1893, p. 73, 74.

Depois de ler as muitas declarações bíblicas e dos testemunhos de Ellen G. White, nos livros Materiais de 1888, e nos demais livros do Espírito de Profecia, pode-



se começar a sentir algo do problema enfrentado pelo Ministério Lembra-te. Por um lado, os líderes pedem de nós “uma confissão pública” ou “retratação imediata” à Igreja, nos desculpando por termos aparecido em alguns vídeos de certos ministérios, e por nossas mensagens publicadas que chamam ao arrependimento por nossos muitos pecados. Por outro lado, nossa consciência está ligada ao claro testemunho da Testemunha Verdadeira e do Espírito de Profecia e ao exemplo do próprio Jesus.

O bom senso força a conclusão de que se “nós” tivéssemos aceitado a mensagem de 1888 pelo que ela realmente foi e é – o início da Chuva Serôdia e do Alto Clamor – não estaríamos demonstrando tanta falta de amor a irmãos que ousam questionar decisões oficiais que não condizem com a verdade, e que ousam desafiar as tradições em nosso meio; se tivéssemos aceitado a mensagem de 1888 não estaríamos ainda hoje neste mundo, não seríamos tão parecidos com o mundo em todas as coisas, e a Igreja não se defrontaria com uma missão mundial em eterna expansão, porém, nunca concluída. Dura coisa é recalcitrar contra os agulhões!

Lembre-se de que o evangelho genuíno é a mensagem da “justificação pela fé”. Só isso pode produzir o bendito fruto “que poderia ter acontecido”, fruto que já



está há tanto tempo atrasado (a saber, o caráter de Jesus em Seu povo). Alguém consegue dizer claramente a diferença entre a ideia básica do “evangelho” como ensinada pelos revivalistas evangélicos populares de hoje e o que pensamos ser o “evangelho”? cremos que poucos aceitariam essa tarefa. Essa dificuldade em encontrar diferenças significativas é simplesmente por desconhecermos qual foi a mensagem de 1888.

Alguns estão tão certos de que “está tudo bem”, e desejam nos silenciar para sempre sem que os irmãos da igreja tenham permissão para ver ou ao menos tenham a chance de considerar, em primeira mão, as evidências. Alguns, que podem não ter o propósito de silenciar-nos, estão se perguntando em estado de choque: “Como poderíamos interpretar mal a “justificação pela fé” quando temos tanta abundância dos escritos do Espírito de Profecia para estudar?”

A resposta à essa pergunta é encontrada apontando para a nação judaica que entendeu mal e rejeitou seu Messias quando tinham à disposição o Antigo Testamento em sua plenitude e o liam a cada Sábado. Eles liam e ouviam com aquilo que Paulo chamou de “véu. . . em seus corações.” 2 Cor. 3:15.



Nós também temos nossa própria história. Em Battle Creek na década de 1890, nossos queridos irmãos tinham uma grande abundância de material do Espírito de Profecia diante deles constantemente, além da presença viva de Ellen G. White.

Obviamente, a posse física dos livros de Ellen G. White hoje não significa necessariamente uma compreensão clara da verdade, mais do que a própria presença pessoal dela. Ler com um “véu” não resolve o problema.

Uma republicação do ensino claro dos próprios mensageiros de 1888 revelariam automaticamente o grande contraste entre o que popularmente assumimos ser o evangelho e o que Ellen G. White disse ser “a mais preciosa mensagem” do Senhor.

O impressionante testemunho escrito foi de que a mensagem original de 1888 foi revigorantemente diferente do evangelho padrão de hoje. Ideias e conceitos verdadeiros abundam nas fontes originais, porém quase nunca encontram expressão em nossa literatura ou púlpitos hoje.

O que fazer? (1) Verifique quais eram as verdades essenciais e únicas da mensagem inspirada de 1888, pois elas estão claramente registradas (Materiais de



1888, Conferência Geral de 1893 e 1895 etc.); (2) Compare esses fundamentos com a "justificação pela fé" como geralmente ensinada pelas igrejas populares de hoje; (3) Em seguida, compare a mensagem de 1888 com nossas apresentações contemporâneas de "justificação pela fé." O que temos dito no canal Lembra-te é que a diferença entre (1) e (3) é tão marcante que chega a ser surpreendente. Estamos mesmo dormindo como um povo! Na verdade, precisamos da mensagem hoje tanto quanto nossos irmãos precisavam dela em 1888, pois ela desperta e faz viver!

Portanto, estamos diante da Igreja com a firme convicção de que o Espírito de Profecia, a Bíblia, bem como outros escritos de fonte primária retratam claramente os fatos de nossa história, nos ensinam como devemos proceder, e nos mostram claramente o contraste entre o verdadeiro evangelho e aquele pregado hoje; desse modo, temos a obrigação de aceitar isso como um "Assim diz o Senhor!"

E, portanto, fazemos:



Nossa “confissão”

1. Nós, do Ministério Lembra-te, confessamos a verdade das palavras de nosso Senhor: “Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.” (Ap 3:17). Acreditamos que nosso Senhor aqui se refere principalmente a nosso orgulho em nossa compreensão do evangelho, nossa alardeada suposição de que “nós entendemos justificação pela fé”. O que é comumente entendido como “justificação pela fé” é exatamente a mesma coisa que a visão protestante popular e evangélica, e presume-se que ao entendermos a visão deles de Justificação pela fé e somarmos a isso as nossas doutrinas, eis aí o adventismo! E muito embora todos nós tenhamos nossa própria parcela de culpa sobre essa confusão de compreensão, a culpa maior está sobre o ministério e líderes da igreja em geral. Veja: “Os membros de nossas igrejas não são incorrigíveis; e a culpa não deve estar tanto sobre eles, mas sobre os que os ensinam. Seus ministros não os alimentam.” – EGW, Special Testimonies, No. 10, novembro, 1890.

2. Confessamos que acreditamos que a compreensão das trágicas falhas de nossa história denominacional



passada nos concede a mais brilhante esperança de concluir enfim a obra em gloriosa vitória nesta nossa geração. Por quê? Porque saber toda a verdade irá limpar nossas mentes e as mentes de nossos membros e as mentes de nossos jovens de toda e qualquer dúvida persistente. Dúvida de que talvez o próprio Senhor queira demorar para voltar e por isso não tem respondido às nossas orações. Se nossas orações ainda não foram atendidas, temos diante de nós, duas alternativas, duvidar da fidelidade do Senhor, mesmo que inconscientemente (pensamento que leva à conformidade com o mundo, por exemplo), o que é desanimador; ou então reconhecer nossa própria infidelidade e confessar, o que é uma solução positiva. Se o Senhor é infiel, não há nada que possa ser feito. Se somos nós, certamente o arrependimento nos caberá perfeitamente!

3. Confessamos que entendemos o que nosso Senhor Jesus pronunciou as palavras de Apocalipse 3:19 como um chamado ao arrependimento pessoal e denominacional: “Sê, pois, zeloso e arrepende-te.”

(a) Do que devemos nos arrepender? Nosso orgulho espiritual! (Ap 3:17). Não estamos percebendo a nossa profunda necessidade da mensagem verdadeira de 1888.



Assumimos que temos a mensagem e, portanto, a entendemos muito bem. Achamos que devemos ser louvados por estar cumprindo nosso papel de proclamá-la fielmente ao mundo, especialmente nas últimas décadas. De fato, não estamos enxergando nossa miséria, como cegos que somos! Somos sinceros ao supor que entendemos “Justificação pela fé” exatamente como foi apresentada em 1888, quando na verdade perdemos ou nunca entendemos a característica fundamental que deu àquela mensagem seu poder vital. O que orgulhosamente pregamos como “justificação pela fé”, consiste em conceitos emprestados dos grandes reformadores do século dezesseis ou dos evangélicos modernos. “...E não sabes...” de Ap. 3:17 é uma descrição precisa da nossa condição. Jesus foi quem o disse, não eu!

(b) Reconhecer que nossa história denominacional seja um eco do chamado de Cristo ao arrependimento, não é de forma alguma deslealdade ou subversão, embora muitas vezes seja interpretado assim por indivíduos ofendidos. Veja paralelos interessantes: “Então falaram os sacerdotes e os profetas aos príncipes e a todo o povo, dizendo: Este homem é réu de morte, porque profetizou contra esta cidade, como ouvistes com os vossos



ouvidos.” (Jeremias 26:11). Jeremias estava falando para o bem da cidade ou para o mal dela? É fácil olhar para aquela história do passado e concluir que ele estava profetizando para o bem da cidade e não estava contra a unidade dela. Mas temos dificuldade em reconhecer a mesma coisa nos dias modernos. Somos mesmo Israel moderno! “Confessamos” que as mensagens que apresentamos, com todos os seus particulares, é um chamado ao arrependimento para o bem da igreja, não para o mal dela. Não estamos pronunciando nenhum juízo, não se trata de acusar. Portanto, não há necessidade de nos desculparmos por emprestar nossa face, nossa voz para soar Seu próprio chamado conforme encontrado em Sua Palavra e ilustrado em nossa história. “Eu repreendo e castigo a todos quantos amo.” Tal “correção” não requer os serviços pessoais de outro profeta vivo para tomar o lugar de Ellen G. White. Tudo o que é necessário é ler, estudar, crer, saber e soar toda a verdade nua e crua de nossa história denominacional. Corações honestos responderão imediatamente.

(c) Tal arrependimento não irá de forma alguma enfraquecer a autoridade ou diminuir o respeito devido à liderança oficial da igreja. Nós “confessamos” com



insistência que o arrependimento aumentará o respeito genuíno que todos sentirão pela igreja.

4. Confessamos que um arrependimento por parte desta geração pelas falhas de uma geração anterior está altamente em ordem e é bíblico!

(a) “Então confessarão a sua iniquidade, e a iniquidade de seus pais, com as suas transgressões, com que transgrediram contra mim; como também eles andaram contrariamente para comigo. Eu também andei para com eles contrariamente...” Levíticos 26:40-41. O rei Josias aceitou o que Moisés disse, reconheceu que os pecados de seus "pais" eram em realidade seus pecados, e confessou: “grande é o furor do SENHOR, que se acendeu contra nós; porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro.” 2 Reis 22:13. Neemias também reconheceu o mesmo princípio de identidade corporativa com as gerações anteriores: “Também eu e a casa de meu pai temos pecado.” Neemias 1:6. Existem muitos exemplos do Antigo Testamento. Se o Senhor considerou Israel nos dias de Ezequiel responsável pelos pecados de sua "juventude" (ver Ezequiel 16, todo o capítulo), como podemos “nós” estar isentos da responsabilidade pelos pecados de “nossa” “juventude”? Aqueles que humilharem seus corações



em reconhecimento honesto da verdade é a “mulher” que em contrição se preparará para ser a “esposa” de Cristo.

(b) Veja os apelos de Cristo à nação judaica: “Começou Jesus a pregar, e a dizer: “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.” (Mateus 4:17). Agora, Ele repreende “as cidades onde se operou a maior parte dos seus prodígios por não se haverem arrependido.” (Mateus 11:20). “Há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho.” (Lucas 13: 6-9). O último discurso público de Jesus foi um apelo final à liderança judaica em Jerusalém para que se arrependessem, e um lamento de um coração partido por sua recusa em atender aos Seus clamores. (Mateus 23: 13-27).

(c) Jesus ensinou o princípio da solidariedade de Sua geração judaica com seus ancestrais em sua culpa: “Ai de vós ... para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração.” (Mateus 23:29-36). O princípio aqui expresso, não contradiz de forma alguma a máxima de Ezequiel de que a culpa não é herdada geneticamente ou



legalmente pelos filhos (Ezequiel 18:20), mas Jesus estava expressando algo muito importante.

"Que vocês mataram", disse Ele, embora os justos, como por exemplo Abel, tivessem vivido muito antes de qualquer um de seus ouvintes ter nascido; e Ele colocou a culpa de todos os justos mortos sobre eles. Por que Ele fez isso? Simplesmente porque Seus ouvintes eram realmente culpados do pecado de Caim e do pecado dos assassinos de Zacarias, por exemplo. Carregavam o mesmo espírito. Se tivessem vivido em cada época em que os justos foram assassinados, teriam eles mesmos perpetrado tais coisas. Isso eles logo demonstraram ao assassinar o Filho de Deus. Esdras reconheceu o mesmo princípio de culpa: "Desde os dias de nossos pais até ao dia de hoje estamos em grande culpa, e por causa das nossas iniquidades somos entregues, nós e nossos reis e os nossos sacerdotes, na mão dos reis das terras." (Esdras 9:7)

(d) Os escritos de Ellen G. White reconhecem o princípio bíblico de culpa corporativa e denominacional e a necessidade de arrependimento denominacional. Por exemplo, o pecado do Calvário é um pecado pelo qual somos todos igualmente culpados, embora Cristo tenha sido crucificado quase dois mil anos antes de qualquer



um de nós ter nascido. Nunca poderemos ser salvos a menos que tomemos parte num arrependimento corporativo pelo pecado dos pecados:

“Lembremo-nos todos de que ainda estamos num mundo em que Jesus, o Filho de Deus, foi rejeitado e crucificado, em que ainda repousa a culpa de desprezar a Cristo e preferir um ladrão ao imaculado Filho de Deus. A menos que individualmente nos arrependamos diante de Deus devido à transgressão de Sua lei, e exerçamos fé em nosso Senhor Jesus Cristo, a quem o mundo tem rejeitado, estaremos sob a absoluta condenação que o ato de escolher a Barrabás em vez de a Cristo merece. Todo o mundo está hoje sob a acusação de deliberada rejeição e assassínio do Filho de Deus. A Palavra de Deus registra que judeus e gentios, reis, governadores, ministros, sacerdotes, e o povo — todas as classes e seitas que revelam o mesmo espírito de inveja, ódio, preconceito e descrença manifestados pelos que levaram à morte o Filho de Deus — caso lhes fosse concedida a oportunidade, desempenhariam a mesma parte desempenhada pelos judeus e pelo povo do tempo de Cristo. Participariam do mesmo espírito que exigiu a morte do Filho de Deus.” TM 38.1

“A lei de Deus alcança os sentimentos e motivos, bem como os atos externos. Ela revela os segredos do coração, iluminando as coisas antes enterradas na escuridão. Deus



conhece cada pensamento, cada propósito, cada plano, cada motivo. Os livros do céu registram os pecados que teriam sido cometido se houvesse oportunidade.” – ST, julho 31, 1901; 5BC 1085.

“Aquela oração de Cristo por Seus inimigos abrangia o mundo inteiro. Envolveu todo pecador que já vivera ou viria ainda a viver, desde o começo do mundo, até ao fim dos séculos. Pesa sobre todos a culpa de crucificar o Filho de Deus.” DTN 527.2

O que é “arrependimento corporativo”? É arrependimento do pecado que teríamos cometido se tivéssemos a oportunidade de cometer, por carregar o mesmo espírito hoje, ou por não ter firmeza e ceder a pressões hoje.

(e) Arrependimento pelo pecado de rejeitar a mensagem de 1888. Isso atrasou a vinda de Cristo. Este pecado também ocorreu muito antes de termos nascido; mas a menos que tivéssemos nos arrependido hoje, faríamos a mesma coisa que em 1888 nossos irmãos fizeram, se tivéssemos lá naquela época. Não somos realmente melhores do que eles. Arrependimento corporativo é perceber que o pecado deles é o nosso pecado. Ainda temos andado pelos mesmos caminhos e nutrido a mesma inimizade para com a mensagem e os



mensageiros. Somos tão culpados quanto eles. Essa experiência de humilhação de coração é capaz de estrangular o orgulho de Laodiceia para sempre! O pecado do Calvário e o pecado de 1888 são revelações da profunda pecaminosidade de nosso próprio coração.

O arrependimento corporativo é arrepender-se individualmente dos pecados de outros como se fossem os nossos (pois de fato o são!) Lembra-se da minha experiência pessoal ao ler a história do povo de Israel?

O arrependimento denominacional é reconhecer nossa verdadeira condição de “miserável” e “nu” diante dos olhos atentos do universo celestial. Não é uma experiência deliberada por comitês e promovida por departamentos. O arrependimento denominacional será formado por um arrependimento corporativo individual.

O pecado corporativo dos judeus foi realizado por meio da ação de seus “líderes religiosos”, que levou a nação à ruína corporativa (PJ 162.6 em diante). Somente um arrependimento nacional poderia, portanto, salvar a nação judaica da ruína iminente que seu pecado corporativo invocou sobre eles (AA 137.2).

A liderança da igreja afeta “o corpo”. Ao analisarmos nossa história sobre o que aconteceu em 1888, não



deveríamos achar tão estranho que nossos líderes de mais de 100 anos atrás tivessem rejeitado a mensagem, e ainda o estejam fazendo nos dias de hoje. A história sagrada é bastante clara. Os sacerdotes e governantes que rejeitaram a Cristo em sua primeira vinda exerceram sua influência sobre o povo levando-o a rejeitar ao Messias tão esperado. Quando eles ouviram os relatos trágicos daquela rejeição, o coração foi esmagado, e clamaram: “Que faremos?” A resposta foi clara, "Arrependei-vos!"

A iluminação celestial fez os corações compreenderem as verdades que até então tinham sido incompreendidas. A luz prevaleceu! Surgiu uma fé e uma certeza como nunca antes haviam experimentado. No final dos tempos, isso e muito mais deve ser realizado. (Ver livro Atos dos Apóstolos Capítulo 4).

(f) O que pode levar a Igreja à completa harmonia com o Céu na obra final da expiação de Cristo? A Igreja precisa de uma motivação verdadeira. A única coisa que pode fazer isso é a preocupação com a vindicação de Cristo, no lugar de uma preocupação egoísta com a salvação pessoal. Se, como Ellen G. White diz, “O desapontamento de Cristo está além da descrição”, algo



deve ser feito para que isso mude. Não é justo perpetuar Sua tristeza:

“Poucos tomam em consideração o sofrimento que o pecado causou a nosso Criador. Todo o Céu sofreu com a agonia de Cristo; mas esse sofrimento não começou nem terminou com Sua manifestação em humanidade. A cruz é uma revelação, aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus.” Educação 263.1

Disse Ellen White, “à medida que eles deram seus passos no caminho da incredulidade naquele dia, outros estão dando os mesmos passos neste dia, e minha dor é a mesma que a de Cristo. Eles estão se colocando onde não há reserva de poder com que Deus possa alcançá-los. Cada flecha em Sua aljava se esgotou.” (EGW, Carta 31 de maio de 1896 e Manuscrito 2, 1890)

Fora da mensagem de 1888, não há reserva de poder. Se já houve alguma vez um povo na terra que precisasse da mensagem capaz de prepará-lo para a “expição final”, esse povo somos “nós”. Porém, a nossa compreensão popular não deixa espaço para tal necessidade. Rogamos, por amor de Cristo, que possamos chegar a um conhecimento da verdade e experimentar Cristo em nós, e essa “expição final”.



5. Confessamos nossa total confiança no triunfo da Igreja Adventista do Sétimo Dia e no arrependimento denominacional que temos clamado para que aconteça. A única questão é quando e quem. Todo aquele que entender a necessidade de arrependimento corporativo, humilhar o coração diante de Deus, esse subsistirá como parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tanto as Escrituras como o Espírito de Profecia predizem uma gloriosa vitória para a igreja, formada de membros contritos e arrependidos, o que tornará possível terminar a obra de Deus, e então a vinda do Senhor acontecerá.

Os Adventistas deveriam conhecer sobre o “grande movimento reformatório entre o povo de Deus”, testemunhado “em visões da noite” (T9 126) e o “O que poderia ter acontecido” capítulo 19 de Testemunhos para a Igreja, vol.8, p. 104-106, e uma emocionante visão sobre uma grande reunião descrita na Review and Herald de 4 de fevereiro de 1902 (parágrafo 13 em diante).

6. Confessamos nosso sincero apreço pelas gloriosas verdades da mensagem de 1888 conforme encontradas em fontes originais não traduzidas pela Casa Publicadora, mas que tivemos o privilégio de ter acesso pelo IAGE e Editora dos Pioneiros. Nosso primeiro



contato com a mensagem de 1888 foi através do livro *Anunciando o Alto Clamor*. Nunca tínhamos lido nada tão simples, claro e bonito na explicação do evangelho. E não tínhamos nem noção de quem eram Jones e Waggoner, nem que havia algum tipo de controvérsia a respeito do assunto, nem o que 1888 significava. Não tínhamos nenhum preconceito, nem ideias pré-concebidas. Simplesmente reconhecemos a luz, e Jesus nos libertou e tem nos transformado a cada dia. Nos sentimos como John Wesley se sentiu quando pela primeira vez ouviu Lutero falando a respeito do livro de Gálatas: “Senti meu coração estranhamente aquecido”. Nós provamos e vimos que era bom! E é bom até hoje! Temos certeza de que outros pecadores como nós encontrarão a mais preciosa luz na mensagem de 1888 como nós também encontramos.

7. Nós do Ministério Lembra-te confessamos ser os menores e mais indignos de todos os servos do Senhor. Não temos nem um jota de sabedoria superior ou bondade. Não temos nada, e não somos nada, exceto pela graça de Cristo. Nós simplesmente decidimos crer naquilo que o Senhor nos mostrou, e passamos a ver o que outros ainda não viram. Não somos culpados de “teimosia ou rebeldia”, nem de não “reconhecer a



autoridade da igreja devidamente constituída” simplesmente porque insistimos que nós vimos o que vimos. Até a pessoa mais humilde do mundo pode ver algo! E não seríamos dignos de ter olhos que veem, se não testemunhássemos do que vimos.

O que vimos não vimos através de alguma revelação, sonho ou visão, mas simplesmente vimos aquilo que vimos com nossos olhos, ao ler os livros sobre o assunto. Tem sido força para nossa alma. Cremos de todo o ser que é procedente de Deus, pois temos visto os frutos. Vimos e cremos que a “chuva serôdia é o alto clamor da mensagem do terceiro anjo”, “a chuva serôdia é a mensagem, o ensino sobre a justiça de Deus” conforme o sermão número 11 de Jones na Conferência Geral de 1893. Vimos que a serva do Senhor disse claramente que a mensagem não foi recebida pela liderança da igreja. Ainda vimos que o que estamos apresentando ao mundo hoje como evangelho, está carecendo de todos os elementos daquela “mais preciosa mensagem”. Por termos um véu sobre o coração ao ler o Espírito de Profecia, falhamos em discernir essas coisas. Nosso orgulho de Laodiceia verdadeiramente nos cegou, conforme nosso Senhor fielmente nos disse. Temos visto que Suas palavras são



realmente verdadeiras. O que podemos fazer além de contar o que temos visto?

E então, tendo visto, apontamos com alegria para a única, maravilhosa e inspirada solução vinda do Senhor, “sê, pois, zeloso e arrepende-te”!

Há esperança para todo aquele que se humilhar e se arrepender:

“Quando o profeta Isaías contemplou a glória do Senhor, ficou assombrado, e, esmagado pelo senso da própria fraqueza e desvalia, clamou: “Ai de mim! ...” [...] Agora ele se vê exposto à mesma condenação que havia pronunciado sobre [outros]. [...] Quando nossos olhos olham pela fé para o santuário, e percebem a realidade, a importância e a santidade do trabalho que está sendo feito, tudo o que é de natureza egoísta será odiado por nós. O pecado aparecerá como é - a transgressão da santa lei de Deus. A expiação será mais bem compreendida. [...] A visão dada a Isaías representa a condição do povo de Deus nos últimos dias. [...] Ao, pela fé, olharem ao santo dos santos, e verem a obra de Cristo no santuário celestial, percebem que são povo de impuros lábios — povo cujos lábios muitas vezes proferiram vaidades, e cujos talentos não foram santificados e empregados para glória de Deus. [...] Mas... se se humilharem diante de Deus, há para eles



esperança. [...] A obra realizada por Isaías será neles efetuada.” — EGW, *The Review and Herald*, 22 de dezembro de 1896.

“Haverá grande humilhação de coração diante de Deus da parte de todos os que permanecem fiéis e leais até o fim. Satanás influirá, porém, de tal maneira sobre os elementos não consagrados da mente humana que muitos não aceitarão a luz do modo designado por Deus.” EGW, *Sermão em Mineápolis*, 1888.

Pedido: Por favor, deixem o preconceito de lado estudem sobre 1888! Não haveria tanta divergência entre nós se todos estudassem; e, com certeza, as diferenças deixarão de existir entre os que aceitarem e viverem a mensagem de Jesus, justiça nossa.

Tudo isso confessamos!

24 de abril de 2021

Carol e Humberto

